

1924

Visita Régia  
à Cidade das  
Maravilhas

FESTAS  
NICOLINAS  
☒ ☒  
DANÇAS

PERSONAGENS

—  
A CIDADE

D. AFONSO HENRIQUES

O CASTELO

A AVENIDA

QUEM SOU ?

LUZ ELECTRICA

A LIBRA

O ESCUDO

O BOLCHEVISTA

O FURACÃO

O MAGALA

A SOPEIRA

O 10

O NOVO

O VELHO

## Hino da Cidade

Oh! Guimarães de D. Afonso Henriques  
 O nosso hino a ti se canta,  
 Das mais cidades, atrás, tu não te fiques,  
 P'ra te saudarmos com trinados na garganta.  
 Oh! Guimarães de D. Afonso Henriques...  
 Tem cautela... não te piques.

Em ti cidade a natura é mais fecunda,  
 Da luz do sol mais viva a claridade...  
 E, quando a noite de trevas tudo inunda,  
 E' de crêr que seja grande a escuridade.  
 Em ti cidade a natura é mais fecunda;  
 Nas ruas, a erva, prova esta verdade.  
 Em ti cidade  
 «In-fólio»  
 Já tens também... uma mina de petrólio } *bis*

Tens uma Penha altiva, pedregosa,  
 Himalaia de beleza natural,  
 Aonde a morte, mesmo tuberculosa,  
 Acharia uma cura radical.  
 Tens uma Penha altiva e pedregosa  
 Com um Hotel-Hospício, sem igual!  
 Mas ascensor,  
 Que tormento!  
 Só se fôr... qualquer burro lazarento. } *bis*

O teu perfume deleita e extasia,  
 Embora pense alguém que não;  
 Chega até a causar anestesia,  
 Tal é do cheiro a terrível fortidão.  
 O teu perfume deleita e extasia,  
 Entra p'las raízes do co...ração.  
 E pela noite  
 Ai meninos!  
 São nevoeiros de péste ultra-londrinos. } *bis*

Oh! Guimarães dos garfos e das facas,  
Dos bons copos e canecas de lei!  
Tens a Sé, uma ponte, Paço e marcas  
Por não ter's bispo nem rio nem o rei.  
Oh! Guimarães dos garfos e das facas.  
Oh! Berço bendito da lusa Grei.  
Só diremos  
Que é inflicia  
Tu não teres o teu corpo de... policia. } *bis*

## II

### Tôdas as maravilhas

Eis o rei Conquistador,  
Primeiro de Portugal;  
Salvé pois, real senhor,  
Salvé todos em geral.

#### **Côro**

Eia avante, Guimarães,  
Vai ao nosso rei mostrar  
Os progressos que tu tens  
Fabricado e a fabricar. (*bis*)

Maravilhas ireis vêr  
Nesta cidade ideal;  
Não a ireis conhecer  
Oh! papá de Portugal.

#### **Côro**

Eia avante, Guimarães  
etc.

Perdbai, real senhor,  
Se alguém fôr menos correcto,  
Chamando ao Conquistador  
Por um acaso o... Rei Preto.

#### **Côro**

Eia avante, Guimarães  
etc.

III

**D. Afonso Henriques**

Portugueses!

Todos — Real Senhor...

Se traidores surgem por vezes,  
Vosso amor  
A' terra que vos doe,  
Concluirei,  
Que paga bem tais revezes.

Portugueses!

Todos — Real Senhor

Fazei dos peitos arnezes

Todos — Sim Senhor!

E saltai de unhas e dentes,  
Aos ind'centes,  
Que passem p'ra cá de Urgezes!

**Côro**

Vassalos ob'dientes,  
Real Senhor...  
Ao vosso dispor  
Estamos presentes.

IV

**Castelo**

Sou o Castelo vèlhinho  
Desamparado, sósinho,  
Desprezado sem piedade.  
Estou deitado ao abandono,  
Vivo como um cão sem dono,  
Sou a «ralé» da Cidade.

### **Côro**

Pobre castelo azarento  
Tam rôto, tam esfarrapado!  
Tu deves ser internado  
No asilo «Martins Sarmento».

Guardai sequer a corrente,  
Onde cravou féro dente  
D. Tereza; póde ser  
Que se descubra algum dia  
A fonte da hidrofobia  
No Instituto Pasteur.

### **Côro**

Pobre Castelo mendigo  
Outr'ora tam opulento  
«Riquezas leva-as o vento»  
Vem daí dançar, amigo.

Ai! Ai! Ai!  
Assim é que é:  
Leve o diabo paixões  
Zumba, zumba, olé!

### **Cidade**

P'ra que são êsses lamentos  
Pobre Castelo?!  
— E's o velho do Restelo  
Com tais desfalecimentos.

Ai! Ai! Ai!  
Viva a folia;  
Has-de ter uma Avenida,  
P'ra tua alegria.

### **Castelo**

Mas o raio da Avenida  
Tam prometida,  
Em projecto tam comprida,  
E' um beco sem saída.

### **Côro**

Ai! Ai! Ai!  
Assim é que é.  
Mas que grande vigarice!  
Trai-la-ri-ló-lé.



## Avenida

Eu sou a Avenida  
E, curta... ou comprida,  
Não deve importar;  
Hei-de ser falada  
E apreciada  
Por quem me pisar.

### Côro

Avenida enxota a pêta  
Deixa-te de brincadeira;  
Avenida enxota a pêta,  
Enxota a pêta,  
Minha peteira.

### Avenida

Com árvores e flores  
Espalhando odores  
Serei um jardim;  
Com engenho e arte  
E, por tôda a parte,  
Dirão bem de mim.

### Côro

Avenida enxota a pêta  
Isto já parece mal!  
Avenida enxota a pêta  
Zi ai! p'ra «Camvra»  
Municipal.

## Quem sou?

Eu sou o 'studante  
 O pobre penante  
 Que não têm vintem;  
 Sou o desgraçado,  
 Sou o depenado,  
 E... quem sou?! Ninguém!

O cáco num crivo,  
 Agarrado ao livro  
 Que mil fôlhas tem,  
 Assim passo os dias,  
 Já meio Matias  
 E... quem sou!? Ninguém!

Pelo ano adiante,  
 Ao meu peito amante,  
 Se uma paixão vem;  
 A ideia da «gata»  
 Quási que me mata  
 E... quem sou?! Ninguém!

A beber sciência  
 A mascar sapiência  
 De livros... — qual cem?!  
 Se me vejo ao espelho  
 Ele mostra-me velho  
 E... quem sou?! Ninguém!

Mas se me agarro à guitarra  
 Quando soffro algum revez  
 Já me sinto alguém na vida  
 Já me sinto português. } *côro repete*

Guitarra diz o que sinto  
 Bem alto, que s'oiça bem;  
 É se algum peito arfar,  
 Guitarra serei alguém. } *côro repete*

## Luz electrica

Tem-te lá, tu não me chames,  
 Não faças triste o meu fado.  
 Não me toques nos arames (*bis*)  
 Se não ficas fulminado.

### Côro

Muita prudência  
 Muita atenção!  
 Isto é potência  
 De alta tensão.

### Cidade

'Stou a sentir tremeliques  
 Comichões já sinto agora

## Luz electrica

Se a minha potência enc'moda  
 Com licença, eu vou-me embora.

### Côro

Muita prudência,  
 Muita atenção!  
 Isto é potência  
 De alta tensão.

De alta tensão  
 Isto é potência!  
 Muita atenção  
 Muita prudência.

## A libra e o escudo

### Libra

Subi ao alto  
Olhei p'ró fundo...

Todos — Não digas mais...

### Libra

E descí agora  
P'ra bem do mundo.

### Escudo

Mentira que não foi assim,  
Está-se bem devido a mim.

### Libra

Mentira que não foi tal  
Tu por ti só fazes mal.

### Côro

Libra não sejas ingrata  
Não digas mal do escudo,  
Quem fez o bem foi a prata  
E aqui tens tu dito tudo.

Tanta libra e eu tam livre delas  
São amarelas, são de cavalinhos;  
Cavalinhos p'r'alguos bravos  
P'ra outros muito mansinhos.

## Canção bolchevista

Eu sou o «póvre» operário  
 Zi ai! que o diabo engendrou;  
 Sou a «vesta», o salafrário  
 Que o novo rico criou.  
 Eu sou o «póvre» operário  
 Que o destino malfadou.

### Côro

«Zi oh! tim, tim  
 O ferreiro bate o malho,  
 Dá cá um canivete  
 P'ra dar um tiro no «Trabalho».»

Sem o pão de cada dia  
 Os meus dias vou passando,  
 C'o suor da fantasia  
 O rijo pão amassando.  
 Sem o pão de cada dia  
 De trigo me vou criando...

### Côro

«Zi oh! tim, tim»  
 etc.

Zi «avaixo» oh! «vórguezia»  
 — Os teus dias 'stão contados,  
 Porque nós, os desherdados  
 Acordaremos um dia.  
 Zi «avaixo» oh! «vórguezia»  
 Zi vivam os «prolet'riados».

### Côro

«Zi oh! tim, tim»  
 etc.

## Furacão

Eu cá sou o furacão,  
 O Tufão,  
 Tudo derrubo ao passar ;  
 E que o diga o Zé Pinheiro,  
 Tabaqueiro,  
 Se acaso o quizer contar.

### Côro

Zás, traz, catapaz,  
 Quando passa o furacão  
 Não há sossêgo nem paz :  
 Zão, tam, catapão  
 z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z

Vão-se as 'scadas, 'scada abaixo  
 E dizem que do poleiro  
 Cantara assim Zé Pinheiro :  
 E esta !... se eu não me «agaicho»...!

**La «Monteria»**

Era assim (*trís*)  
 Que a gente s'entendia  
 Sem entender latim  
 Pim!

**Magala**

Era assim que a sopeira, coitada, fugia há alguns meses,  
 Era assim, não ligando a tolinha, q'uela me tratava;  
 Era assim, desprezando o magala, de fachina às vezes,  
 Sem sequer se lembrar, a marota, que assim me matava.

Era assim ( <i>trís</i> )	} <i>Repete</i>
Que a gente s'entendia	
Sem entender latim	
Creemos bem ( <i>trís</i> )	
Qu'este entender fazia	
Do mal o melhor bem.	

**Sopeira**

Era assim que eu há meses andava livre de canseiras,  
 Era assim, levezinha de todo, que eu me mexia;  
 Era assim 'scoadinha da saia e das mioleiras...  
 Mas depois, era tarde, notava que o balão enchia.

Ai! há quantos anos nasceu o «dez» chorando  
 Nesta terra amiga, carinhoso lar!  
 Foi há cem, há mil?! nem eu sei já quando!  
 Oh meu D. Afonso, que me estás fitando  
 Diz se o teu avô acaso o ouviu contar.

Deu a volta o mundo e eu de chanfalho  
 Com o «dez» na testa com fundo pezar  
 Vejo-me sósinho, polícia espantelho,  
 Já p'ra nada presto, já pra nada valho,  
 E não sôa a hora de me reformar...

Sou o «dez», é certo, mas eu só existo  
 Como um monumento da corporação;  
 E não me reformam! Será só por isto:  
 — Por eu ser mais velho do que Jesus Cristo  
 E 'star riço e duro como um pêro são?!

Uma voz { Será só por isto  
 Que o «dez» por cá anda } Côro  
 { No mundo de Cristo  
 Na tropa fandanga? }

Se esta é a razão  
 (Perdoe-nos Deus)  
 Venham os judeus (*bis*)  
 P'ra ressurreição! \*

## Os velhos e os novos

## Novo

Somos a esperança risonha  
Da vida, jardim em flor!  
— Nossas almas perfumadas  
São uma aurora de amor.

Os nossos olhos, senhoras,  
São borboletas doiradas  
Que a luz bendita, dos vossos,  
Nos traz, de amor torturadas.

Ameigai os nossos sonhos  
Desfolhai vosso sorriso  
P'ra que a vida seja sempre  
Um eterno paraíso.

## Velho

Somos a flor da saúde  
Que o tempo vai desfolhando;  
Somos fogo que se apaga,  
Somos os velhos, sonhando.

Cobre a neve as serranias  
São torturantes os gelos!...  
Noss'alma treme de frio...  
Estão brancos nossos cabelos.

Vêlhinhas, Nossas Senhoras,  
Senhoras da Saúde!...  
Vai-se a noite, rompe o dia...  
— Brinca, brinca, mocidade.

**Marcha**

Oh Guimarães, oh «berço» (em fantasia)  
Nobre cidade de heróicas Tradições!  
E's nossa luz, nosso amor, nossa alegria,  
Por isso vives nos nossos corações.

E tu, soberba Majestade  
Oh grande Rei Conquistador!  
Tens o coração da cidade  
E também todo o nosso amor.

Por isso nós cantamos,  
Por isso nós dançamos,  
Por isso nós gritamos  
Em vosso louvor.

Nobre cidade e nobre Majestade  
Oh nobre povo da nação valente!  
Viva o progresso e a Liberdade  
Para bem de tôda a gente.

Nobre cidade e nobre Majestade  
Oh nobre povo da nação lial!  
Viva tôda a ilustre sociedade,  
Etc. e tal; etc. e tal, etc. e tal...

